

O poeta urbano à luz dos versos baudelairiano

Anita Santana¹

Com o surgimento das grandes cidades os opostos retratados nos ideais teocêntricos e antropocêntricos, realidade e subjetividade cedem espaço para um turbilhão de ideais de acordo com o frenético modo de vida que se instaura com a industrialização, provocando uma constante revolução no mundo das artes e da literatura.

É dessa forma que as metrópoles compostos por transeuntes a se "acotovelarem" a todo instante faz com que o texto literário clame por um tipo de escritor que venha falar do seu tempo. Assim nasce o poeta urbano, o poeta das grandes cidades que não fala apenas como espectador, mas como participante desse frenético modo de vida, o qual o homem citadino está relegado.

Como representante deste universo turbulento Charles Baudelaire apresenta em sua escrita poética, segundo Walter Benjamin (1994, p.108), ao discutir "Sobre alguns temas" do autor, um alto grau de conscientização e teor missionário. Baudelaire assim, insere aos seus poemas a "experiência do choque" de onde quer que partisse, através da esgrima, de sua luta, utilizando o lápis e papel para resistir e criar defesas. O poeta ao ser tomado diversas vezes pelos sustos cria em sua volta uma espécie de armadura e toma para si a missão de falar sobre seu tempo trazendo para cena os temas considerados mais vis pela sociedade e, portanto marginalizados como revela nos primeiros versos do poema sol:

Ao longo dos subúrbios, onde nos
pardieiros/ Persianas acobertam beijos
sorrateiros, Quando o impiedoso sol arroja
seus punhais sobre a cidade e o campo, os
tetos e os trigais Exercerei a sós a minha
estranha esgrima, Buscando em cada canto
os acasos da rima Tropeçando em palavras
como nas calçadas, Taxando imagens desde
há muito já sonhadas. (Baudelaire, 1985, p.
319)

As imagens impressionantes, comentadas por Benjamin e que fizeram parte do consciente de Baudelaire diz respeito ao tumulto encontrado nas ruas e a sensação de horror que causa aos milhares de habitantes quando se esbarram uns aos outros,

¹Anita Santana nascida e residente em Euclides da Cunha, Bahia. Fez mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (2017). Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB (2008)

comportando-se como se estivessem de olhos vendados para não ter que proferir nenhuma palavra, apesar de todos estarem no frenesi do vai e vem, com os mesmos interesses, ou seja, alcançar o objetivo de serem felizes. Tal imagem parece indigna de ser pensada, mas ao observar a rotina das grandes cidades percebe-se como é clara e verdadeira a descrição de Benjamim quando em "Charles Baudelaire: Um lírico no auge do capitalismo" ele diz:

...Passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros; e, no entanto, o único acordo tácito entre eles é o de que cada um conserve o lado da calçada à sua direita, para que ambos as correntes da multidão, de sentidos opostos, não se detenham mutuamente, e, no entanto, não ocorre a ninguém conceder ao outro um olhar sequer.(1994, p. 235)

Em meio ao grande contingente de pessoas encontra-se o poeta deslocado, sem jeito, como se tivesse caído de para-quedas num espaço totalmente desconhecido e estrangeiro. É o "esgrimador" cômico de seu papel como poeta da modernidade e que se prolonga em nossos dias, ao reconhecer a necessidade de se fazer homem comum, a andar pelas multidões para não ser devorado pelo sistema que os rege, sem deixar, no entanto, de observar, de procurar compreender e de assimilar o mundo que o cerca, para então poder apresentar-se e cumprir seu papel de transformador.

Como a um pássaro habitante da região dos mares (o albatroz), Baudelaire assemelha o poeta. E maior é a semelhança quando esta ave é capturada por puro prazer pelos navegantes. De companheiro de viagem o albatroz passa a ser refém, anulando assim, sua condição de "monarca dos ares". Jogado ao convés é ridicularizado e de nada adianta suas imensas asas, pois estas, agora, não lhe serve para andar. Esta metáfora, criada por Baudelaire (1985), pode ser melhor visualizada na última estrofe do seu poema "O Albatroz" quando ele versa:

O poeta se compara ao príncipe
das alturas Que enfrenta os
vendavais e ri da seta no ar;
Exilado no chão, e em meio à
turba obscura; As asas de
gigante impedem-no de andar.

Muitas vezes ao poeta, é lançada a condição de inútil, sendo banido do meio ao qual está inserido, mesmo com sua poesia, que como enormes asas, leva-o a lugares

distantes e desconhecidos. No entanto, apesar de seus versos não significarem nada diante de toda turbulência, agitação sentida principalmente nas grandes cidades, estas constituídas por edifícios gigantescos, fileiras constantes de automóveis, letreiros, outdoor e figuras inimagináveis, tornam-se como principal motivação para o escritor. Como disse Hyde em "A Poesia da Cidade", "a cidade é intrinsecamente o material mais poético dentre todos" (1989, p. 276).

É falando dos "pardieiros", dos lugares marginalizados que Baudelaire se inscreve como poeta representante dos que vivem em zonas de perigo e são associados constantemente como ameaça à "sociedade". Através de sua poesia parece atacar constantemente o centro desse mundo social que quer apagar de certa forma, aqueles que constituem as massas e povoam os centros urbanos atravessando ruas por entre a claridade ameaçadora dos faróis.

REFERÊNCIAS:

BAUDELAIRE, Charles. **As Flores do mal**. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: Um lírico no Auge do Capitalismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989

HYDE, G. M. **A poesia da cidade**. In: *Modernismo: Guia Geral 1890-1930* (org.) Malcolm Bradbury e Jean Meforlane, tradução Denise Bothmann. São Paulo: Companhia das Letras: 1989.